

Na multiplicidade das tendências que atuam na nossa situação destaca-se uma: aquela que aponta a crescente dominação da cena pela tecnologia. Se definirmos "tecnologia" por: "aplicação de teorias científicas e métodos científicos ao campo dos valores", a crescente dominação tecnológica implica em modificação de valores. Como os valores do passado recente são derivados de uma estrutura chamada "humanismo", a crescente dominação tecnológica implica em modificação, ou quiçá superação, do humanismo. A nossa perplexidade se deve à nossa incapacidade de captar intelectualmente e imaginativamente uma situação pós-humanística, embora saibamos que para ela nos dirigimos. Somos homens "modernos", isto é: homens em vias de serem superados, e não conseguimos captar o "novo homem", e muito menos simpatizar com ele. As presentes considerações visam ilustrar o problema.

Estabelecerei, em primeiro lugar, a distinção entre tecnologia e ideologia. Que tecnologia seja a manipulação de modelos operacionais, (científicos), e que ideologia seja a manipulação de modelos de comportamento, (valores). Os modelos da tecnologia são provisórios e substituíveis, os modelos da ideologia se tomam por válidos e permanentes. Os modelos da tecnologia são aceitos universalmente, os modelos da ideologia têm adversários e adeptos. O caráter provisório e universal da tecnologia opõe-se ao caráter estático e polêmico da ideologia. A vitória da tecnologia seria, (e provavelmente será), a morte da ideologia. E, mais especialmente, a morte de ideologias que se inspiram em modelos científicos, mas transformam esses modelos em válidos, permanentes e fazem a sua apologia. Isto é: a morte de ideologias cientificizantes. Pois esse tipo de ideologia, (por exemplo as várias ideologias liberais e o marxismo, e, em sentido caricato, também o fascismo), são as ideologias do humanismo. A vitória da tecnologia seria, (e provavelmente será,) a morte do humanismo.

Procurarei, em segundo lugar, considerar um pouco melhor a diferença entre modelos operacionais e modelos de comportamento. Modelos operacionais dizem como algo pode ser feito. Modelos de comportamento dizem porque e para que algo deve ser feito. Modelos operacionais são indicativos, modelos de comportamento são imperativos. Por isto se dão em climas existenciais diferentes: modelos operacionais se dão no clima do funcionamento, modelos de comportamento no clima do engajamento. O tecnólogo é funcionário, o ideólogo é engajado. A vitória da tecnologia é a vitória do funcionário e a morte do engajado. Uma medida do desenvolvimento seria esta: quanto maior o desenvolvimento de uma sociedade, tanto maior o número de funcionários com relação ao número dos engajados.

Considerarei, em terceiro lugar, o processo pelo qual a tecnologia invade o campo dos valores, isto é: o processo pelo qual modelos operacionais substituem modelos de comportamento. O processo é dialético no seguinte sentido: na medida na qual a tecnologia vai sendo aplicada, adquire um caráter pseudo-imperativo, isto é: os modelos tecnológicos se estabelecem em pseu-

VILÉM FLUSSER

do-valores. E na mesma medida se desvalorizam os modelos do comportamento. O resultado desse processo é a crescente decadência dos valores e a crescente se sação do absurdo. "Absurda" é uma situação na qual t^odo ato é gratuito, por não exigir nem decisão nem engajamento. O processo pelo qual a tecnologia invade o campo dos valores é o processo que transforma atos em atos absurdos. O mesmo fato pode assim ser articulado: o avanço da tecnologia vai eliminando a decisão como fator no campo da ação e da atividade. Em outras palavras, ainda: a atividade vai se automatizando.

É instrutivo lançar um olhar s^obre a cena política, (que é um aspecto importante do campo dos valores), para verificar até que ponto esse processo já evoluiu. Verificaremos que muito embora ainda aparentemente muita decisão parece ser tomada, na realidade a atividade obedece muito mais a fatores automáticos introduzidos na política pela tecnologia. Embora, nos países desenvolvidos, os ideólogos ainda detenham o poder "de jure", o poder está "de facto" em grande parte na mão da tecnologia. Uma prova disto está na crescente semelhança do comportamento de sociedades "de jure" estruturadas por ideologias distintas. Uma outra prova disto está na dependência crescente de t^oda decisão do estágio da tecnologia e na óbvia gratuidade de decisões opostas à tecnologia. Em outras palavras: os ideólogos tendem a governar num vácuo que vai sendo soberanamente ignorado e desprezado pela tecnologia.

Este argumento parece indicar que o futuro próximo será caracterizado pela tecnocracia, (que é o assumir "de jure" do poder pela tecnologia), e que o "n^ovo homem" será o funcionário, no sentido de "técnico especializado". Mas esta conclusão não resiste a uma análise mais cuidadosa. Não resiste por sua falta de radicalidade. Porque a automaticidade do funcionamento que elimina paulatinamente decisões na continuidade do progresso, vai eliminando paralelamente o funcionário como agente. A tecnocracia não é o governo exercido por técnicos, mas é o governo exercido pela técnica, (pela máquina para governar, para falarmos com Wiener). E a função agente e produtora do funcionário vai sendo transferida, paulatinamente, para máquinas automáticas, e vai crescendo em importância a função paciente e consumidora do funcionário humano. O "n^ovo homem" será o consumidor, isto é: funcionário aposentado. E a n^ova sociedade não será a sociedade dos especialistas, mas a sociedade de consumo. O "n^ovo homem" será um ente passivo e paciente, que não tomará decisões porque não terá valores e porque t^oda decisão seria gratuita, e que viverá vivenciando e consumindo. Os hippies e o LSD apontam o futuro.

O nosso impulso é rebelarmo-nos contra esta visão do futuro. Porque, sendo homens velhos, estamos ainda engajados, isto é: engajados em atos e decisões, engajados no velho homem. O velho homem é a nossa ideologia. Mas creio que esse nosso engajamento é desesperado. Tentemos, pois, captar o novo homem, embora não possamos simpatizar com ele. Afinal, não terá ele alcançado a meta suprema da história: a felicidade? E não será o nosso subdesenvolvimento

que faz com que a felicidade se nos apresente como nojenta?